

24-05-2022

VARANDÓDROMO**Eguimar Felício Chaveiro**[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Tenho amor por coisas simples. Acordar cedo com o assanhamento do casal de bem-te-vis. A Serra Dourada (cidade de Goiás), à tarde, fugindo dos olhos para cair na boca da noite. Um gesto delicado e sábio de uma mãe: “*não tem problema, meu filho, pegue o pirulito no chão e chupe-o*”. A mãe ri com riso melado nos olhos. E no coração. A minha origem é simples.

Por isso, a simplicidade é a minha oração. O chumaço de fumaça do cigarro de palha do meu tio Zeca desenhando um fio de jato no ar próximo. O meu tio não existe mais, contudo, a sua fumaça gostosa está em minha memória. Está também o canto de folia de meu tio Bertino, os olhos fixados no horizonte sagrado, a severidade de uma fé exercida no coletivo dos foliões camponeses. Tia Valina explode de amor. Dela vem a frase: “*a folia é a coisa mais bonita do mundo*”. Amo a voz manhosa da minha mãe, a letra “R” de roça espichando-se numa fonética de amor.

A cantoria das sílabas como se arremedasse o vento no milharal. Amo também a fotografia do peixe pausado na frente do peito do meu irmão pescador. Viver é fisgar momentos, jogar com o peixe misterioso imerso nas águas da consciência – aprendo! Ademais, amo os versos simples e sublimes de Quintana, em que imagem e filosofia se agrupam:

Quem faz um poema abre uma janela.

Respira, tu que estás numa cela abafada.

Esse ar que entra por ela.

Por isso é que os poemas têm ritmo

– Para que possas profundamente respirar

Quem faz um poema salva um afogado.

.....
Quem faz um poema salva um afogado...

Um dia a minha comadre Eleuzenira, depois de fazer um curso na Universidade da Paz, me disse “*que fora da simplicidade não é possível haver paz*”... Ouvi a minha querida comadre, ouvi-a e repliquei em voz altissonante o que ela me ensinou: FORA DA SIMPLICIDADE NÃO HÁ PAZ. Eu queria ouvir a sua lição com o coração, assim a repliquei. Entretanto, vivemos um mundo perturbado, complexo, que vai da hiper mobilidade das redes ao império do dinheiro; que faz do estrategismo a alavanca para gerar uma economia do gosto e, assim, capturar o desejo dos trabalhadores. O mundo atual instala espaços de glamour, de sucesso e de fama para quem, quase sempre, se ocupa de vender inutilidades e, as vendendo, se locupleta de ansiedade, de perversidade e de tristeza. A bonança de alguns significa o adoecimento de uma multidão.

Esse mundo perturbado faz os sujeitos trocarem o silêncio reflexivo pela sua midiática diária e constante em plataformas. Como disserta Eugênio Bucci (2021), no livro *A Superindústria do Imaginário – Como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível*, a economia da atenção se serve da mineração do olhar.

Ao mercantilizar o olhar, a atenção, os gestos banais das pessoas comendo, andando com o cachorro, tirando selfie, estão ajudando a erguer os maiores monopólios já vistos em toda a história humana. Apenas cinco empresas, a Amazon, a Apple, a Alphabet, que é proprietária da Google, e a Facebook, tinham juntado em 2020 mais de cinco trilhões de dólares, só perdendo para os PIBs (Produto Interno Bruto) dos EUA (Estados Unidos da América) e da China. Mas não se trata apenas de dinheiro, de domínio econômico e político. A operação acumulativa da economia da atenção visa colocar a maioria das pessoas para participar de um ethos de desnudamento a partir de detalhes de sua vida, permitindo que os algoritmos decifrem gostos, imaginários, vontades, manias, medos e desejos.

Com essas informações, além de venderem matrizes de dados a diversas empresas, mercantilizam também a emoção e o desejo. Formam o sujeito desatento, ansioso, viciado.

A saber, a hegemonia da economia da atenção e da complexa teia de redes de informações, não apenas fragmenta as referências éticas e morais dos trabalhadores e dos que as dominam. Desenvolve uma patologia em nível global.

Pessoas ansiosas, com transtorno de pânico, depressivas, violentas e disparatadas, insones, vazias e desesperadas, formam um continente de sujeitos disputados pelo narcotráfico; por igrejas, as mais variadas; por gente que grita socorro em silêncios fundos no fundo da própria alma.

Está aí o turbocapitalismo, ou o chamado capitalismo cognitivo e informacional. Mas como se quis no passado, a verdade permanece: uma sociedade em que o adoecimento, a violência, a fome, o desemprego e o aviltamento social se estampam, exige enfrentamento, resistência, atitudes criativas.

Não há, portanto, necessidade de se desesperar.

Pessoalmente, tenho a grata satisfação de amar coisas simples. Ocorre de nos pequenos intervalos de trabalho ir para o Araguaia pescar paisagens. Contemplo, como se tivesse armado simbolicamente um **varandódromo** a céu aberto, a lambida do sol na lâmina do rio; percebo que a noite chega mansinha e quase sorradeira abrindo a cortina para o céu fazer uma festa de estrelas. No **varandódromo** simbólico, a memória viaja. Vejo o meu pai que, agora em maio, completa 40 anos de ausência entre nós, recitando um cordel feito por ele mesmo. Lágrimas boas se fazem corrente em meu rosto como as águas do Araguaia.

.....
A vida simples – e misteriosa – desce a noite pescando amor.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.